

TAXA PAGA



Blumenau

em cadernos

TOMO XII - ★ JULHO DE 1971 ★ - Nº. 7

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S. A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S. A.

Tecelagem Kühnrich S. A.

Electro Aço Altona S.A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S. A.

Blumenau

em cadernos

TOMO XII

Julho 1971

Nº. 7

OS ALEMÃES NO SUL DO BRASIL:

Do Isolamento à Integração através da Nacionalização da Educação

Richard O. Dalbey

(Apresentada na Conferência regional Midest da Sociedade de Educação Comparada e Internacional. Universidade de Purdue, West Lafayette, Indiana, a 18 de abril de 1970. Tradução de Terezinha Crumb, Rio de Janeiro.)

A vanguarda da opinião negra tanto entre intelectuais quanto entre ativistas políticos é orientada mais para a consecução de uma identidade grupal e uma autonomia grupal do que para o uso de escolas públicas como agências de assimilação.

Alexandre Bickel
Prof. de Direito de Yale.

É a própria essência desta citação que nos leva a considerar o Brasil, onde a integração cultural de seus grupos raciais e étnicos através do entrosamento da escola e da sociedade tem sido a política dominante desta nação nos tempos recentes.

Este trabalho aborda especificamente três acontecimentos históricos relacionados do ponto de vista da lealdade nacional e cultural conflitantes: os alemães do sul do Brasil como um grupo minoritário, tanto antes quanto depois do advento do Nacional Socialismo no Brasil, as escolas particulares alemães e da situação irregular resultante da competição de sistemas escolares duplos em relação ao interesse da unidade nacional, e a política do governo brasileiro de empregar as escolas

públicas para incentivar o crescimento de sentimentos nacionais entre a população estrangeira.

Há muito tempo os sociólogos já chamavam a atenção para o fato de os problemas em relação ao imigrante da Europa, ou mesmo o imigrante rural para a cidade, não serem fundamentalmente diferentes dos do Negro, do Judeu, do Índio ou do Mexicano. Portanto, ao se encarar o desenvolvimento histórico dos alemães como um subgrupo no meio do Brasil e ao se refletir sobre o modo pelo qual o "separatismo" deles afetou a construção subsequente da nação brasileira, espera-se que a atenção esteja voltada para o fenômeno que ocorre quando um grupo minoritário entra em choque com uma cultura poliglota.

Os problemas sociais são muito complexos para soluções fáceis, simples e universais, portanto cabe a nós tentar entender as relações raciais ao invés de apoiar causas ou propor soluções. Através da compreensão, o tratamento de problemas de minorias étnicas encaradas historicamente pode auxiliar na solução de situações contemporâneas, particularmente dos problemas de grupos alienados, não assimilados nos países de hoje e que o mundo moderno, de algum modo, extinguiu. Embora seja verdade que a história está se formando num ritmo acelerado na área de relações raciais, as minorias étnicas e raciais de todo mundo exigem sua igualdade. Basta ver hoje a Bélgica, a Irlanda do Norte ou mesmo Israel a fim de se ver as consequências de emoções nacionalistas competitivas dentro de uma sociedade.

De acôrdo com o prognóstico do historiador Arnold Toynbee, o tribalismo durante os anos de 1970 será mais perigoso à estabilidade política de países que tenham tensões raciais étnicas do que o nacionalismo. Juntamente com desastres econômicos, a Índia poderia desintegrar-se dividida por seu povo discordante. De fato, a atração duma autonomia regional é tão forte que até mesmo os países desenvolvidos podem ser abalados. A Grã-Bretanha teria de dar semi-independência aos Galeses e aos Escoceses, e o Canadá poderia ainda entrar em colapso devido ao antagonismo entre áreas de língua inglesa e francesa. Melhor ainda, pode-se olhar êsse país, outrora considerado como «uma nação de imigrantes» e «uma terra dos livres», onde vários grupos minoritários não se uniram à «corrente econômica e cultural principal». Durante grande parte da próxima década, à medida que se juntem aos negros outros grupos étnicos - Chicanos, Índios e Chineses, à procura da igualdade e da identidade, é provável que os EEUU se torne uma sociedade cada vez mais refratária e talvez mais violenta e polarizada.

A assimilação não é um processo indolor. Os membros de grupos minoritários raramente estão preparados a renunciar à sua cultura por completo. Estão fortemente ligados a ela. Não é fácil absorver novas tradições, ideais, valores, crenças, atitudes e lealdade. A assimilação, portanto, não se lhes apresenta como uma solução de problemas de ajustamento. Podem concordar que a assimilação, até certo ponto é desejada; mas resistirão a ela se passar dêste ponto.

Por outro lado, pode-se insistir também que a melhor reação

dos membros de minorias é a de incorporar-se ao grupo dominante. De acôrdo com o assimilacionista, diferenças raciais e culturais são indesejáveis, a homogeneidade é preferível à heterogeneidade, e o conflito é inevitável enquanto povos diferentes tentarem viver juntos. A única solução para o problema dos grupos raciais e étnicos está portanto, na mistura, união e combinação de elementos diversos. Tanto o nosso próprio programa de «americanização» quanto a filosofia brasileira de «brasileirização» são reflexos desta atitude. Contudo, enquanto em muitos aspectos os componentes que tomaram parte na formação racial do Brasil eram semelhantes aos encontrados nos EEUU, os padrões resultantes têm sido bem diferentes.

O Brasil, tal como os EEUU, tem sido o lugar de encontro de brancos, vermelhos e negros. No entanto a adaptação destes grupos entre si não foi a mesma. Nos EEUU, um país que ainda se orgulha de apresentar «assimilação total» e «pluralismo cultural», o preconceito de côr tem sido muito forte, a discriminação e a segregação prevalecem e um sistema de casta de côr emergiu, o que fêz do Negro ou do Americano-Mexicano um imigrante em seu próprio país. Por outro lado, no Brasil, o ponto de vista do assimilacionista que trata da amalgamação das diversas unidades étnicas obteve sucesso, já que os negros continuam a ser absorvidos pelos de sangue misto, que, por sua vez, continuam a ser absorvidos pela população predominantemente européia.

No entanto, a história das relações raciais do Brasil não foi sempre harmoniosa. O problema racial, de acôrdo com o ponto de vista brasileiro, não é de «preservar a pureza racial» do que a de vencer a resistência que um grupo às vezes oferece à absorção. Antes da II Guerra Mundial, antes de o governo brasileiro empenhar-se na nacionalização de sua população européia, não era raro encontrar grupos remanescentes oferecendo uma resistência organizada à assimilação. De fato, era devido à presença de imigrantes alemães, italianos e poloneses em vários graus de assimilação durante os anos de Vargas que fêz a região Sul do Brasil tornar-se uma preocupação étnica e internacional, a ponto de causar uma fonte de perigo político à estabilidade da nação.

De tôdas essas correntes imigratórias principais, o elemento alemão constituiu uma fonte de perigo maior por ser um grupo de nacionalidade parcialmente não-assimilado. Esta assimilação incompleta dos alemães no padrão cultural do Nôvo Mundo era caracterizada pelo uso exclusivo ou parcial da língua alemã no falar cotidiano, e por um estado de afinidade cultural, política e sentimental à terra paterna, o que frequentemente antagonizava e deslocava sentimentos semelhantes para com o país de residência.

A imigração alemã contribuiu tanto para o desenvolvimento do Sul do Brasil que dificilmente pode ser superestimado. Embora sua imigração representasse menos de 5% da imigração total, eles e os descendentes (perfazendo um total de mais de 1 milhão de pessoas, como em 1942) passaram a ter um lugar na vida nacional fora de proporção em relação ao seu número. Começando em 1824, eles se instalaram nas

então regiões despovoadas dos Estados do Sul e deram início à formação dum padrão cultural diferente que até hoje ainda dá um toque singular às cidades predominantemente «alemãs» de Blumenau e São Leopoldo, nos Estados de Sta. Catarina e Rio Grande do Sul.

Sob o sistema brasileiro de imigração européia controlada, os alemães não só foram trazidos mais rapidamente do que poderiam ser absorvidos, mas também foram instalados em grandes colônias étnicas densas, em áreas longínquas e inabitáveis do interior do Sul do Brasil, onde o contato com brasileiros e grupos de outras nacionalidades ocorria sómente num nível simbiótico e secundário. Esta concentração de alemães em «colônias» sómente acentuou a tendência de se construir comunidades distintas em muitos aspectos das habitadas pela população lusa nativa. Devido à negligência oficial do governo brasileiro em atender até mesmo aos pedidos mais modestos dos colonos, os alemães mantiveram-se á parte da vida intelectual nativa e com o tempo construíram suas pequenas «nações» dentro de uma nação» que não tinham comunhão de interesse alguma com o governo central na longínqua Rio de Janeiro. Desligados do país paterno, os alemães estabeleceram escolas a fim de preservar o melhor de suas características raciais e folclóricas. Com uma evidente ajuda pecuniária da Alemanha, estas escolas particulares, sob instrutores alemães tornar-se-iam o marco cultural mais importante na preservação do DEUTSCHTUM. De fato, na mudança de século estas escolas tinham-se infiltrado tanto nos Estados do Sul, que o governo brasileiro, asediado pelos seus próprios problemas orçamentários crônicos encorajou as escolas alemães a continuarem suas atividades na ausência de um sistema escolar nacional concreto.

Embora os alemães se considerassem, e às suas excelentes escolas, superiores aos anfitriões em KULTUR, as relações entre alemães e brasileiros eram cordiais, enquanto não havia o nacionalismo alemão acirrado a sua reação, o estímulo brasileiro de nacionalidade. No entanto, logo se tornou aparente que a colonização étnica tinha sómente fornecido o desenvolvimento do nacionalismo estrangeiro dentro dos limites nacionais do país. Com a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha em 1917, a não-assimilação dos alemães à vida brasileira, transformou-se num problema grave. Como consequência da Grande Guerra, tôdas as escolas alemãs foram fechadas temporariamente e o governo brasileiro, tendo de encarar pela primeira vez a tarefa inevitável de tentar de amalgamar suas «ilhas de cultura» estrangeiras, começou aos poucos a fazer modestas tentativas para o estabelecimento de uma espécie de sistema de escola pública nas regiões alemãs.

Como consequência da I^a. Guerra Mundial, os acontecimentos que se estavam desenrolando no velho Mundo, principalmente o sucesso do totalitarismo europeu, serviram para reabastecer o ressurgimento do nacionalismo no Brasil. Os anos de após-guerra também instigaram o antagonismo político e social a dimensões nunca antes conhecidas na história brasileira, na medida em que vários processos de radicalização e reação corroíam a estrutura política do país. Foi nêsse clima que se alimentaram as principais doutrinas do Nazismo e outros movimentos

de 5ª. coluna quando Getúlio Vargas subiu ao poder com a Revolução de 1930.

Depois da ascensão de Hitler em 1933, os Nazistas do Brasil não perderam tempo e tomaram a direção de cerca de 2.500 escolas alemãs. Já que as colônias alemãs ainda estavam ligadas a todos os ramos da vida econômica, cultural e política alemã, não é de se estranhar que as escolas se tornaram um dos meios mais importantes através dos quais a Organização do Partido Nazista podia endoutrinar a população de língua alemã local, segundo o WELTANSCHAUUNG Nacional Socialista. As escolas alemãs foram imediatamente organizadas em ligas escolares urbanas e estatais sob a Organização de Professores Nacional - Socialistas, que por si era ligada à Organização Estrangeira da NSDAP na Alemanha nazista. De 1933 em diante, somente aos professores treinados na ideologia nazista e aprovados pela NSDAP poderiam ensinar nas escolas. O material didático importado para o uso nas escolas também refletia a mudança no pensamento social da «nova» Alemanha ao inroduzir o ensinamento que o III Reich tinha a missão de «alemanizar o mundo ao suplantar a lealdade ao Brasil pela lealdade à Alemanha Nazista».

Entretanto, não foi senão nos últimos anos da década dos trinta quando as incursões da infiltração totalitária de fora começaram a colocar a «Defesa do Estado» em sério perigo, que o governo brasileiro deu-se conta subitamente do perigo que sua indiferença tinha ajudado a criar através das décadas. Com a instalação do ESTADO NOVO em 1937 o Presidente Vargas pôde usar seu novo poder, de grande alcance, para a nacionalização econômica e cultural da população estrangeira. A forma de nacionalização cultural de Vargas foi provavelmente a medida mais agressiva tomada por qualquer país da América do Sul para resolver o problema de sua minoria. Os regulamentos pretendiam derubar a manutenção de uma cultura homogênea entre entidades estrangeiras dentro do Brasil e dissolver a identidade étnica das minorias estrangeiras, no pressuposto bem fundamentado de que, com o desaparecimento da língua estrangeira, a absorção social e cultural seria somente uma condição de tempo. Assim, a escola particular alemã, que tinha sido usada pelos colonos por mais de um século como meio de manutenção dos laços de lealdade estrangeira, tornou-se um dos principais alvos de nacionalização. Os objetivos do programa educacional de Vargas foram resumidos em 1940 pelo Gen. Eurico Dutra, o então Ministro da Guerra (e mais tarde Presidente). Disse êle: «O principal objetivo da educação é criar uma consciência nacional»... êle prosseguiu enfatizando que as escolas tinham o dever de encorajar «uma mentalidade capaz de dispor da opinião pública favoravelmente para o nacionalismo».

Embora os instrumentos de Vargas para levar uma endoutrinação patriótica ao processo de educação fôssem criados através de uma série de decretos «emocionais» dirigidos ao combate de influências políticas estrangeiras em TÓDAS as escolas estrangeiras, as medidas adotadas foram dirigidas primeiramente às escolas particulares da «Aliança

Sagrada» dos fascistas. Assim a questão de dar cursos em línguas estrangeiras e de permitir que governos estrangeiros subsidiassem escolas particulares ficou muito ligada ao problema da propoganda nazista e fascista. Das três comunidades do Eixo, a nacionalização das escolas alemãs foi o que causou os sentimentos de desprezo mais fortes por parte dos colonos. Dentro de poucos meses, êles viram o trabalho cultural de uns 115 anos paralizado enquanto que a vida e a morte de sua nacionalidade estava sendo decidida sob campanha desnacionalizadora de Vargas. Quando a brasilianização das escolas alemãs começou a encontrar uma resistência aberta nos compactos distritos alemães, o governo reagiu instituindo uma campanha de assimilação forçada, brutal, severa e até mesmo punitiva. Como resultado, os alemães replicaram por sua vez, construindo escolas clandestinas e secretas.

O governo, ao perceber que uma ação policial contínua e uma perseguição implacável sòmente iriam levar as escolas secretas a se esconderem ainda mais, começou a mostrar o êrro de sua campanha de nacionalização rejeitando a ação punitiva para uma política de aproximação das relações entre escolas e família, governo e condições mundiais. Partiram para modificar e centralizar o sistema educacional brasileiro desenvolvendo o maior número de escolas públicas gratuitas nas áreas de língua estrangeira. Cêrca de 900 escolas públicas foram abertas no início da década de 40 para substituir umas 800 escolas particulares, com o objetivo de ensinar a língua portuguesa e a história do Brasil àquelas crianças de origem estrangeira.

Os primeiros resultados desta forma de «competição social» foram impressionantes. Quando uma escola clandestina era descoberta e uma ordem era escrita para fechá-la, a mesma ordem também trazia instruções para a construção duma escola pública perto, ou no mesmo local, se possível. Finalmente, com o estabelecimento do Fundo Nacional de Educação Primária em 1942 e a aprovação de Lei Orgânica de Educação Primária de 1945, a construção e o funcionamento de escolas brasileiras oficiais foram postos em prática o mais rãpidamente possível. Embora as causas sociais fundamentais da instrução clandestina não tivessem sido removidas para sempre quando os anos de Vargas chegaram ao término, no fim de 1945, a tentativa do Brasil de infundir um mínimo nacional de educação muito necessário às regiões coloniais, obteve grande sucesso sob circunstâncias penosas.

O ano de 1945 foi um momento decisivo para o Brasil e para os esforços educacionais de Vargas em nome da nacionalização. Vargas foi retirado do cargo, a II Guerra Mundial terminou e embora o antigo problema de nacionalização de grupos estrangeiros ainda persistisse numa forma ou outra, era considerãvelmente diminuído pela derrota psicológica dos podêres do Eixo. Em sua maior parte, a política brasileira de «defesa hemisférica» tinha deixado a população alemã do Sul subjugada e submissa. A nacionalização como um empreendimento educacional de BONA FIDE tinha obtido um relativo sucesso. A seguir a legislação de 1937 em diante tinha «abrasileirado» tudo. As escolas alemãs permaneceram fechadas por lei para nunca mais reaparecer. Por volta

de 1950, a maioria destas escolas haviam-se convertido em nomes luso-brasileiros. Disse o JORNAL DE JOINVILLE (Sta. Catarina) do dia 25 de Novembro de 1955:

Graças à nacionalização, os tempos mudaram. Já o jovem germano-brasileiro não fala, ou muito pouco, a língua de seus antepassados. Hoje o povo de Blumenau fala o português corretamente e Blumenau é uma das cinco cidades mais progressistas de todo BRASIL.

Fazendo um retrospecto parece que a nacionalização é mais provável de ocorrer num país cujas ideologias estrangeiras estejam em conflito com o «espírito nacional». O governo percebera que o melhor lugar para romper o pernicioso cordão de isolamento e o regionalismo agressivo era nas escolas públicas, onde os fundamentos da ética e ideologia de uma nação são melhor ensinadas na linguagem das massas. No entanto, a «nacionalização da educação» era somente um dos muitos passos necessários dados para efetivar uma assimilação mais rápida. Não se pode ignorar o milagre da industrialização do Brasil entre 1930 e 1940 e sua contribuição para a realização nacional. O fato de que a era de Vargas marcou uma mudança definitiva da ênfase do nacionalismo político e cultural para o nacionalismo econômico é realmente importante. Enquanto o Brasil começava a se transformar numa nação moderna e numa potência mundial, as regiões alemãs tornaram-se insignificantes, meras comunidades rurais de passagem, sem importância política ou econômica, à medida em que os imigrantes eram cada vez mais atraídos aos centros urbanos incipientes. A vida urbana em geral, com a sua mistura de nacionalidades e adaptação mais rápida à maneira lusa, geralmente facilitava as escolas públicas a incutir os objetivos nacionais. Com o eventual estabelecimento das «colônias mistas» no sul, os alemães começaram a desenvolver aos poucos uma espécie de cultura do Novo Mundo, composta de muitos elementos trazidos da Europa e complementada por certos traços e traços-complexos, tomados de empréstimo dos brasileiros.

Hoje em dia, as crianças alemãs se consideram brasileiras, não germano-brasileiras. Graças ao uso forçado do português em todas as escolas, os jovens são agora ensinados numa língua que é o meio de comunicação aceito pela sociedade nacional. Embora vários alemães sejam bilingües, a língua alemã veio a simbolizar para muitos a sua cultura rural, depreciada e até mesmo desprezada como um grupo minoritário, já que a tendência atual é do português ser considerado urbano e portanto «superior». Até a prática de manter a língua alemã viva no lar não teve muito sucesso, já que o federalismo alemão perde terreno a cada geração. Enquanto ainda há hoje muitas comunidades rurais isoladas por todo o Sul, cuja integração na vida nacional está longe de ser completa, seu povo encontra dificuldades de preservar os traços do Velho Mundo, à medida em que mais contatos pessoais entre indivíduos de origens diferentes penetram o domínio de relações primárias. Apesar de ser difícil para um povo mudar as características nacionais por causa do peso da tradição, costume, família, literatura, folclore, escolas e outros fatores, é igualmente custoso manter as caracte-

risticas inalteradas quando as condições sociais e ambientais são mudadas radicalmente. Por mais que tenham desejado continuarem alemães, por mais incentivos que tenham recebido da terra natal, o novo país a que se dirigiram tendia a negar o resultado cobiçado. Só êsse fator levantou obstáculos importantes ao estabelecimento duma «Alemanha Antártica» no sul do Brasil por Hitler.

Enquanto falta à discussão anterior apoiar um programa de ação para problemas de minorias atuais, a nossa atenção é chamada para a natureza e as implicações da escola em relação à vida comunitária de grupos étnicos. Talvez o valor mais importante de tal estudo seja o de visar claramente às resoluções do grande debate dos nossos dias sôbre se grupos alienados numa sociedade deveriam continuar a se identificar com ou se ligar a heranças de seus países de origem, ou se deveriam cessar de existir como unidades sócio-culturais distintas, movendo-se, então, para uma fusão cultural e racial com a sociedade nativa anfitriã.

É exatamente a natureza dêsse dilema que os americanos encaram hoje em dia, à medida que as relações raciais atingem um momento crítico e decisivo na história. O conceito liberal um tanto antiquado de que é melhor assimilar minorias principalmente através de escolas públicas está agora sendo questionado. De fato, alguns estudos mostram que a integração escolar pode, de verdade, polarizar grupos e fortalecer estereótipos entrincheirados. Enquanto a maioria dos americanos estão convencidos de que a integração através de escolas públicas pode levar a relações mais harmoniosas entre raças, será possível que se valorizou demais o papel da escola para atingir uma espécie de sociedade multiracial que a nossa própria comunidade adulta não conseguiu para si?

Embora a escola não seja a panacéia para todos os problemas raciais, é um símbolo poderoso de progresso para resolver os males internos de um país. As sociedades que continuam a manter a tradição de APARTHEID educacional através de sistemas escolares duplos, quase nada fazem para modificar atitudes que dificilmente venceriam os efeitos do isolamento racial. No entanto a escola deveria ser um lugar, não só para se aprender, mas também para viver... onde se concentram as amizades duma criança, onde ela aprende a se comparar com outros, a compartilhar, a competir, a cooperar. A educação, sob êsse ponto de vista, pode ajudar muito na luta com o dilema político e moral mais árduo com que ora se defronta a maioria das sociedades multiraciais pelo mundo: Como assegurar justiça e tranquilidade entre suas raças.

O primeiro presidente da Província de Santa Catarina, após a independência do Brasil e do sistema de Juntas Governativas, foi João Antônio Rodrigues de Carvalho, que tomou posse a 16 de fevereiro de 1824 e governou até 12 de março de 1825. Fôra êle ouvidor da Comarca do Ceará, onde fôra prêso, por vingança, pelo governador português.

O nascimento da Cidade de Itajaí

GUSTAVO KONDER

Quando eu ainda era menino (de 9 anos em diante) costumava, depois de cumprir as minhas lições da tarde, passear solitário pela orla da lagoa artificial até ao cortume do sr. Ernesto Schneider, situado no fim do bairro da Fazenda, da cidade de Itajaí, minha terra natal. Além de espairar, observava tudo o que me interessava e, um belo dia, afastando-me da lagoa, caminhei até ao sopé do morro, que mais tarde tomou o nome de Morro da Cruz (por causa da grande cruz de madeira em seu cume, na comemoração do centenário de Itajaí, em 12 de outubro de 1920). Nesta memorável data, o meu saudoso pai (Marcos Konder), como prefeito, proferiu a sua famosa conferência intitulada «A pequena pátria».

Pois bem, nos rochedos incrustados na base do aludido morro, tive a grande surpresa de encontrar inúmeros buracos redondos e alguns até revestidos de carcaças brancas de ostras e cascas de mexilhões e mariscos, fato que me deixou bastante intrigado já que as pedreiras ficavam afastadas a centenas de metros do mar. Este mistério ficou marcado à fogo na minha mente. Voltei logo para casa e contei, muito entusiasmado, à minha saudosa mãe e única professôra, a grande

revelação. A mamãe, depois de refletir alguns minutos, aconselhou-me: «Eu não sei explicar-te êste mistério, mas você poderá desvendá-lo sozinho». «Mas como?», retruquei. «Ora, meu filho, basta estudar a Géó-História e um pouco de Paleontologia, talvez descobrirás êste mistério!», foi a sua abençoada resposta. Bastante preocupado, fui para o meu quarto de cima, justamente bem defronte à querida e poetica lagoa artificial, como já relatei na minha crônica anterior - «Um trecho de minha infância».

Por intermédio de diversas brochuras científicas, comecei a estudar o fenômeno em todas as minhas horas disponíveis, para poder penetrar nos mistérios da evolução da nossa terra. Pesquisava também nas cercanias da Fazenda, Barra do Rio, Itaipava e finalmente em Navegantes, que fica do outro lado do rio. Na estrada para Itaipava, rumo à fazenda do sr. Alberto Werner, encontrei nas pedreiras e bem perto do matadouro municipal, vestígios idênticos aos do morro da Cruz. Em seguida, para orientar melhor as minhas observações, fiz um mapa de toda a zona visitada, inclusive dos rios e riachos ali existentes. Também anotei as terras arenosas, as plantas, as pedras e outros vestígios, de acôrdo com as teo-

rias da Géó-História.

Após alguns anos de esforços mentais, consegui decifrar este enigma que tentarei explicar da maneira seguinte: - Que em milhares de seculos passados, toda a baixada, onde fica atualmente a cidade de Itajai, era evidentemente uma grande baía e não existia o bairro de Navegantes, hoje município independente. Somente morros e pedreiras ao redor da baía e, naturalmente, os rios Itajai mirim e aquí que eram caudalosos, por causa das gigantescas e luxuriantes florestas de todo o Vale do Itajai. Devia ser um cenário fabuloso e maravilhoso!. Mas, com o correr dos seculos, a natureza, lentamente, foi se modificando em face dos rios e dos largos riachos despejarem anualmente toneladas de residuos de terra, pedregulhos e outras substâncias para o Atlântico, que, por sua vez, pelas suas bravias ondas e ressacas, empurravam-nas de volta, acrescentando ainda as areias trazidas pelas correntes marítimas (entre elas a grande corrente equatorial do Sul), das costas africanas. A referida corrente marítima é um verdadeiro redemoinho entre America do Sul e grande parte da África. Ainda hoje aparecem nas nossas praias, embora raramente, algumas espécies de moluscos africanos.

Por causa desta luta entre os rios e o mar (Atlantico) nasceu bem ao norte da baía, um pequeno banco, que, com o transcorrer dos séculos, solidificou-se e encompridou-se. Era o primitivo Navegantes.

Com o estreitamento da embocadura da baía, o curso das aguas fluviais, acoissadas pelas

ondas, começou a lançar residuos terrestres na própria baía aterrando-a lentamente. O panorama do golfo de Itajai desfigurou-se totalmente deixando apenas, como lembrança, a pequena lagoa da Fazenda, graças ao espigão de pedras, construido pela mão do homem, com o fito de desviar o curso do rio para o mar. Si não fosse este espigão, a lagoa tambem seria totalmente soterrada, como quase toda a baía.

Sòmente entre os anos de 1750/1800, apareceram nos vastos atêrros, secos e cobertos de florestas, algumas choças de pescadores anônimos, originados de outras plagas. E assim, mais tarde nasceu a encantadora cidade de Itajai, atualmente com o seu porto bem aparelhado e o curso das aguas fluviais bem encaminhadas e controladas.

Residindo no Rio, em 1942, encontrei numa livraria estabelecida à rua da Assembléia, o eminente sábio Dr. Eduardo Santos, um dos competentes ornitólogos do Brasil, ao qual explanei, minuciosamente, o meu ponto de vista sobre a configuração da grande baía de Itajai. Quando terminei, o erudito sábio concordou entusiasmado e até me aconselhou a escrever um livro desta história. Não o fiz, porque faltava-me erudição.

Em tempo: - Quero deixar aqui uma observação sôbre a debatida fundação da minha terra natal (Itajai). Nunca houve propriamente, fundação e sim um lento agrupamento de pescadores e lavradores de nomes obscuros, analfabetos e ignorantes. Estabeleceram-se na enseada da Fazenda, defronte à fóz do rio Itajai,

por causa da rica fauna fluvial. Talvez desiludidos, emigraram da Armação do Itapocoroia, que foi estabelecida nos anos 1777/78.

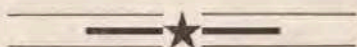
Os supostos fundadores Vasconcelos de Drumond, Agostinho A. Ramos e outros pretendentes, sòmente apareceram muitos anos depois, aproveitando a mão de obra dos primeiros moradores, para explorarem a riqueza existente na zona.

Si o meu saudoso pai (Marcos Konder) fixou a data de 12 de outubro para a fundação, foi simplesmente para crismar a idade de Itajaí.

Não vou me alongar neste assunto, porque não sou historiador, e prefiro assistir, acomodado na arquibancada da arena, o acirrado duelo polêmico dos gladiadores intelectuais!



Os tecidos de algodão já eram muito fabricados em Santa Catarina, nos começos do século passado. Sòbre isso, diz Antônio Rodrigues Carvalho, no «Projeto de uma estrada da Cidade de Destêrro às Missões do Uruguai», elaborado em 1824: «Os tecidos de algodão são o ramo de indústria mais adiantado nesta província, principalmente na Ilha; a produção, porém da matéria é tão escassa, que vem grande quantidade das outras províncias, quando o algodão desta é de filamento rijo, comprido e macio».



Na época do descobrimento, as costas de Santa Catarina eram povoadas por duas nações indígenas: os Carijós, desde Cananéia ao Rio dos Patos e os Tapuias para o sul. Segundo o Padre Simão de Vasconcelos, na «Vida do Padre João de Almeida», os Carijós dos Patos «eram fáceis no trato, pacíficos, se não irritados e com alguma indústria, de sorte que, depois de 1554, entretinham os moradores do pôrto de Santos comércio com êles, levando-lhes nas embarcações resgates de ferramentas, anzóis, facas e outros gêneros que permutavam por algodão, o qual plantavam e colhiam, rêdes e índios que, ou cativavam na guerra, ou degradavam por castigo».

Sôbre O Livro De Gustavo Neves

O brilhante intelectual, presentemente na direção da Biblioteca pública do Estado, Jornalista Menezes Filho, escreveu, sob o título de «Aos sábados, sim: eu falo e você ouve...» para ser pronunciada ao microfone da Rádio «A Verdade», de Florianópolis, a seguinte interessante crônica. Devemos adiantar aos nossos leitores que Manoel dos Santos Lostada, de que trata o livro de Gustavo Neves, teve destacada atuação na vida política de Blumenau em 1892/94, por ocasião do revolução federalista.

Eis o belo trabalho de Menezes Filho:

«SUCEDOU, outro dia, - sim SUCEDOU, é têrmo bacana do linguajar moderno - pois é, sucedeu na dinâmica Blumenau, preparada pelo meu querido e jovial colega de jornalismo, de biblioteca, de magníficas lutas nos mais movimentados setores da vida nacional, o professor José Ferreira da Silva, concorrida reunião da Academia Catarinense de Letras. Não pude estar presente, como convidado especial, mas sei do sucesso obtido, destacando-se a presença do secretário do governador Colombo Machado Salles, professor Vitor Fernando Sasse. Pudera! O magnifico reitor da Universidade Estadual de Santa Catarina, dr. Celestino Sachet é presidente da Academia Catarinense e, onde êle pontifica, claro que tudo brilha. Na esplêndida, oportunidade, várias obras de escritores catarinenses foram apresentadas aos autógrafos, nêssa festa do seus lançamentos. E, com o livro SANTOS LOSTADA, Gustavo Ne-

ves estreou como escritor, seu trabalho primeiro em volume publicado, e vem das edições Flama Ltda., de Porto Alegre. Ora... ora, Céus e Terra! Gustavo Neves, que nasceu jornalista, tornou-se adulto fincado no jornalismo, e alcançando seus setenta anos de idade, ainda como essas doces manhãs de sol, diariamente brilha nas colunas de nossos matutinos com seus apreciados artigos nas páginas mais acatadas. Só, agora, quase à viva fôrça de insistência de colegas e amigos, deixara-se vencer publicando um livro. Fê-lo com engenho e arte - como diria Camões, apresentando obra excelente onde retrata de corpo inteiro e realça o talento admiravel que fôra o jornalista, poeta e homem público, o catarinense MANOEL DOS SANTOS LOSTADA. Fico a pensar: qual dos dois, Santos Lostada ou Gustavo Neves, de vida mais intensa, mais vivida, mais brilhante. Releio a obra. Um primor entre ambos, o que foi

focalizado; o que se revela nas suas palavras, nos seus capítulos, desde a primeira à última linha do SANTOS LOSTADA. A vida, também de Gustavo Neves tem sido fartamente produtiva para a família, para as letras, para a sociedade, para a coletividade. Jornalista de fecunda atividade vai prá mais de cinquenta anos; membro do Instituto Histórico e Geográfico; da Academia Catarinense de Letras; vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura; diretor de várias repartições públicas, e por vêzes secretário do Interior e Justiça do Estado. Gustavo, no seu livro homenageou, de rosto, Altino Flôres e Oswaldo Rodrigues Cabral, ambos seus colegas ilustres de jornalismo e da Academia. E à sua esposa, d. Benta dos Santos Neves também, com essas palavras do cora-

ção: - sem os seus incentivos não haveria sido concluído êste trabalho - eu o dedico, especialmente. Sei perfeitamente, sua digníssima esposa, dona Benta, mãe estremoza e companheira para o marido numa silenciosa sequência indormida, alma e coração para as suas produções cotidianas no jornalismo e na vida ativa nas funções do Estado. Missão divina, a da mulher, quando assim, sob o diáfano véu da bondade, do amor e da modéstia, santifica-se no altar sublime do lar. Quase na conclusão do livro, no capítulo Poeta e Prosador, Gustavo transcreve linda poesia de Santos Lostada, e eu a declamo com o pensamento puro e leal às mulheres, à Maria Virgem, às Esposas e às Mães: - «Que seria de nós por êste mundo / Sem o halo de amor que nos aquece!...»



O catarinense procede, da sub-raça dos carijós, produto do conúbio dos náufragos de João Dias de Solis com as índias que, pelas cercanias da Ilha de Santa Catarina, demoravam, e foi-se cruzando com os raros portugueses que, daí por diante, começaram a aportar a essas plagas. É a maneira mais simples de explicar as origens do povo catarinense. Porque, afinal, em história, tudo tem de ter um ponto de referência...» (Altino Flôres em «Painel da evolução literária catarinense» apud «Anais do Nono Congresso Brasileiro de Geografia», vol.1, pág. 234.)



D ata de 1736 a Carta Régia do Ouvidor de Paranaguá, Manoel dos Santos Lobato, mandando abrir a estrada do litoral catarinense, ligando São Francisco à Ilha de Santa Catarina. A estrada conservou-se praticamente a mesma até a construção da BR-101. Em muitos trechos, ainda hoje é usado o traçado determinado naquela remota época.

Indaial seu povo e sua história

Oscar Jenichen

«Quem sair de Blumenau, subindo pela estrada que margeia o Itajai-açu, depois de vinte e quatro quilômetros forçosamente encontra a Cidade de Indaial».

Assim Theobaldo Costa Jamundá inicia em seu livro «Indaial» (1943), a história do Município, que nasceu às margens de dois rios.

O início de sua colonização, com a fixação de uma data para a determinação do primeiro povoado se perde no tempo. Uma data não foi fixada, preferindo-se, muito, coincidi-la com o início do povoamento fundado pelo Dr. Hermann Otto Blumenau.

Sabe-se, entretanto, que começou por «Carijós», na confluência dos Rios Itajai-açu e Benedito. «Carijós», é um nome mestiço, e, no início o povoado foi habitado somente por mestiços.

Iniciou-se, propriamente, a colonização de Indaial, quando famílias brasileiras oriundas de Armação, Pôrto Belo, Itajai e Camboriú construíram suas choupanas à margem do Rio Itajai-açu e Benedito, derrubarem a mata e ali fizeram suas plantações.

Consolidou-se esta colonização, quando infiltraram-se os imigrantes oriundos principalmente da Alemanha, no início, e posteriormente da Itália e Polônia. Assim, inicia-se a colonização do Município de Indaial, por volta de

1860.

O PROCESSO

Constituiu-se um núcleo. Este cresceu. Expandiu-se. Surgiram Estrada das Areias, Polaquia, Mulde, Rio Morto, além de Encano, que hoje são bairros da cidade de Indaial. Seu desenvolvimento, contam os mais velhos, — se não chegou a caracterizar-se como acelerado, foi, entretanto, homogêneo e parelho. Isto é comprovado pela primeira tentativa que se fez, em 1893, quando uma Lei Estadual de n. 92, criava o Município de Indaial, que chegou a ser instalado, mas já no ano seguinte, um Decreto Estadual o extinguiu.

Seu povo não esmoreceu, firmou-se. Ai seu processo já era mais acentuado. A policultura de subsistência foi que segurou o homem à terra e nutriu a paisagem desta área. É ainda a ela, que se deve o aparecimento da pequena indústria de transformação.

Assim o alicerce da exploração econômica foi argamassado

pela policultura de subsistência mais a pequena indústria de transformação. Presente no espírito do homem indaialense - se assim já se pode considerar que o progresso era a finalidade do seu trabalho, atirou-se com os seus recursos morais e a sabedoria de sua cultura, em multiplicar a obra iniciada.

Para tanto valeu-se muito da feracidade do solo agrícola e do apadrinhamento do Governo Imperial. Certos fenômenos políticos, como por exemplo, a guerra de quatorze, impulsionou a evolução das atividades lucrativas.

Como se pode imaginar, a herança cultural que o imigrante colonizador trouxe, teve nestes momentos as suas oportunidades, porque a verticalidade do imigrante para a industrialização pôde desenvolver-se. Mesmo o comércio é misto, a indústria é mista e a agricultura da pequena propriedade é praticada pelo negociante e pelo industrial, assim como é também pelo comerciante e pelo industrial. Infelizmente, uma triste herança, da qual hoje nos sentimos sensivelmente prejudicados. O minifúndio, hoje improdutivo.

No meio rural é muito difícil separar artífices (ferreiros, carpinteiros, sapateiros, marceneiros, seleiros, pedreiros, alfaiates, etc), do agricultor.

Firma-se o comércio regular e neste duas firmas mais importantes se destacam: Frederico Hardt S/A, Indústria e Comércio, e Carlos Schroeder S/A, Indústria e Comércio, por volta de 1900. Algumas pequenas fábricas de cigarrilhas, serrarias, fecularias, uma metalúrgica, uma cervejaria, algumas mercearias, sapatarias, farmácias, bares, hotéis, consultórios de profissionais liberais (dentistas, médicos e advogados), dão

matéria para o registro das atividades lucrativas do então Distrito, e, que denotam seu progresso acentuado neste princípio de século.

Sua população crescia, havia território e rendas suficientes e desenvolvimento econômico que justificam a sua elevação a Município.

O Decreto Estadual nº 526, de 28 de fevereiro de 1934 consumou um fato. Indaial tornara-se Município, desmembrado do de Blumenau.

Sua instalação, fixada pelo mesmo Decreto, que o emancipou, determina a data de 21 de março de 1934 para a sua festiva instalação. E a partir daí é administrado pelo seu povo. O ritmo de desenvolvimento e crescimento intensifica-se. Tem sua cultura, e forma uma nova geração.

O FOSSO

Surge, entretanto, a segunda grande guerra mundial. A cultura do povo, tôdas as suas atividades são essencialmente germânicas. — Um entrave é imposto, parcialmente, ao seu ritmo desenvolvimentista. Mais uma vez nos contam os velhos, e agora com mais exatidão. — Encerra-se um período.

Indaial mergulha num fosso. Tôdas as suas atividades culturais, artísticas (na época bastante difundidas, através grupos de teatros, balet e música) e recreativas (clubes de tiro ao alvo) além de outras de influência germânica, são encerradas. A princípio exteriormente.

Não resistiram, algumas, e fecharam suas «portas». Outras, felizmente quiz o destino que mais tarde voltassem à atividade. Estas sobreviveram, mas uma geração deixou de acompanhar e viver um ritmo igual ao de antes.

documento pictural da minha terra. Conservo-o no meu escritório, onde se acumulam as recordações mais valiosas da minha peregrinação pelos ásperos caminhos da terrena morada expiatória, onde purgamos os nossos pecados.

Constam essas recordações de retratos de meus pais, dos meus filhos, preciosas coleções dos jornais que desde 1884 se publicaram em São Francisco, bem como do SUL AMERICANO, de Florianópolis, de que meu pai era assinante, um pequeno busto de Dante, rodeado de alguns livros que ao Alighieri se prendem, inclusive as traduções de José Pedro Xavier Pinheiro e do Barão da Vila da Barra, em português, da tradução francesa de Pier Angelo Fiorentino, da minha extensa e afetuosa correspondência com o maior dantista vivo italiano, Carlo Bianco, e de tudo que pude reunir concernente a Sta. Catarina, em cujo número se encontra a «MEMÓRIA HISTÓRICA» da Província de Santa Catarina, de Manoel Joaquim de Almeida Coelho, editada em 1877.

Hoje, admirando a meticulosidade com que Ferrari soube pintar a cidade de São Francisco olhando para o mar, desde o enorme casarão da família Görresen, até um pouco além da Ponta da Cruz, com algumas embarcações a vela e a motor trafegando nessa parte do litoral, ao fundo sobressaindo o zimbório da torre da matriz, tive vontade de ver o que Almeida Coelho dizia de minha terra natal — e isto se me deparou, num flagrante do que era a terra franciscana há pouco mais de um século: «A Cidade de Nossa Senhora da Graça do Rio de S. Francisco Xavier do Sul, 30 léguas ao Norte da Capital, é

a 3^a. da Província na ordem de sua população, comércio e indústria. Foi elevada à categoria de Cidade por Decreto da Assembléia Legislativa Provincial nº 239, de 15 de abril de 1847». E, depois de outros informes históricos e geográficos: «Está situada a Cidade de N. S. da Graça do Rio de S. Francisco na parte setentrional da ilha dêste nome em 16 graus, 12 minutos de latitude e em 51 graus e 4 minutos de longitude ocidental, e separada do continente pelo rio de S. Francisco ao norte e pelo Araquari ao Sul, e oferece a mais encantadora perspectiva: as suas ruas são pela maior parte bem calçadas; seu templo (a Igreja Matriz) é o maior e o mais magnifico da Província; possui a cidade alguns edificios elegantes e da mais duradoura contrução; tem um excelente chafariz, talvez hoje o único na Província».

Contemplo a paisagem franciscana, tão bem focalizada por esta miniatura fotográfica da bellissima tela de Basilio Ferrari — e fico-me a pensar no desenvolvimento que silenciosamente vai se operando na minha terra natal, mesmo sem o aproveitamento das suas magnificas condições portuárias, desenvolvimento que se observa especialmente lá para os lados da Enseada, Ubatuba, Costinha, e tenho de prever, em um futuro não muito distante, para essa gleba dotada de tantos requisitos geográficos e climatológicos notáveis, progressos realmente condizentes com as ótimas qualidades que lhe foram dadas pela pródiga natureza: excelente pôrto, perfeitamente abrigado, barra profunda, proximidade dos centros de maior produção do sul do país, etc. S. Francisco, um dia serás não a 3^a., mas a 1.^a cidade catarinense.

Visita De Um Naturalista Francês Do Seculo Passado.

Gustavo Konder.

Selecionando algumas observações, feitas pelo famoso cientista francês Auguste de Saint-Hilaire, descritas em seu magnifico e fascinante livro «Voyage dans la Province de Sante-Catherina» (edição de 1851), traduzido para o nosso idioma, em 1937, por nosso ilustre conterrâneo Carlos da Costa Pereira, falecido em 17.11.1967, e que tive a honra de conhecer pessoalmente, tomei a liberdade de acrescentar algumas dissertações para melhor elucidar aos meus amáveis leitores.

Em principios do ano de 1820, o cientista francês encontrou a vila de São Francisco do Sul, outrora Graça de São Francisco, com 3.157 individuos e 871 escravos ou melhor, com um total de 4.028 habitantes sendo que a maior parte dos brancos era de origem portugêsa, principalmente açoriana. O distrito não se compunha sòmente da vila do seu nome, compreendia ainda dezenove léguas da costa, a partir do Sahy (hoje Sai) até à margem setentrional do rio Cambriaçú (Camboriú), sua divisa com o distrito de Santa Catarina (Florianópolis).

A oeste, os limites dessa extensa costa eram incertos e o povoamento, por êsse lado, não ia além de duas léguas do litoral; daí em diante, começava a região serrana, selvática e sem dono.

A vila de S. Francisco compunha-se de cerca de 80 casas térreas, na maioria caiadas, cobertas de telhas compridas e côncavas, tipo muito usado na Ásia, e quase tôdas construídas de pedra, bem conservadas, existindo até alguns prédios de um andar. As ruas eram largas e direitas. As que desciam para o mar eram calçadas de pedras pequenas e quadrangulares; as outras possuíam calçamento apenas na frente das casas. Existia no centro da vila uma grande praça triangular relvada, onde erigiram a igreja paroquial (Nossa Senhora da Graça), tão bela, vasta e clara (ainda hoje existe lá). A casa da câmara, cujo pavimento térreo, segundo o uso do Brasil colonial, servia de prisão e era um pequeno edificio de um andar, situado ao lado da igreja que o ocultava inteiramente. Havia grande número de tabernas e de lojas bem sortidas, quase tôdas originárias do Rio de Janeiro e de Paranaguá.

A ilha de São Francisco, onde ainda se encontra a vila (atualmente cidade), é montanhosa e coberta de vegetação. Os morros «Pão de Açúcar» e «Laranjeiras» são os seus acidentes orográficos mais importantes.

Segundo declarou um médico (cirurgião) a morfêa era felizmente desconhecida em tôda a ilha, sendo, no entanto, muito comuns as febres intermitentes (malária) e as obstruções intestinais (volvo). As moléstias venéreas eram mais raras que em outras regiões, porque os seus habitantes poucas comunicações tinham com o exterior.

O morro «Pão de Açúcar» atraiu a atenção do cientista francês, que resolveu visitá-lo a procura de algumas plantas. Êste morro é o

mais elevado de todos e se encontra nas proximidades da vila que, pelo lado do norte, é por êle dominada. Ao atingir quase o cume do «Pão de Açúcar» notou a falta do seu guia de nome Ferminiano o qual se havia distanciando um bom eito para trás. Preocupado, chamou-o repetidas vezes e o guia desculpando-se explicou-lhe que estava procurando bichos de taquara (um verme que nasce no interior dêstes bambus finos, longos e muito comuns nas nossas florestas). Então voltou para verificar de perto o que havia e admirou-se ao ver o seu guia destrinchar um dêsses bichos nauseabundos, decepando-lhe primeiro a cabeça, depois o intestinal e finalmente sugar-lhe a gordura localizada na parte restante. A despeito da repugnância, o cientista francês, como todo bom naturalista, quiz prová-lo e achou-lhe um sabor delicadíssimo de um creme. O bicho (Cossas ou Hipials) é pouco menor que um dedo, mole, liso, reluzente e compõe-se de treze anéis, dos quais, do primeiro ao nono, cecetuando o quarto e o quinto, são providos de pés; o corpo é quase branco e a cabeça, de forma arredondada, tem uma côr fulva (amarela escura). O primeiro dos anéis é também dessa côr, o segundo tem uma lista e o terceiro uma lista e o terceiro uma pequena mancha igualmente amarela, de cada lado dos referidos anéis existe um pontinho preto.

Ainda relatou o seu encontro com o único vigário da paróquia, mas, a sua companhia não lhe podia ser agradável, pois era evidente não gozar êsse sacerdote de plenitude de suas faculdades mentais. Sua palestra girava em tôrno de assuntos os mais extravagantes, os mais obscenos e os mais ímpios que se possam imaginar. Reconhecia fãcilmente que não era destituído de instrução e que o seu procedimento fôra outro, regular, entregando-se porém ao vício da embriaguês e passando a conviver com classe baixa, constituída de marinhagem, pelos escravos e por homens rudes, a sua razão foi se alterando pouco a pouco e o infeliz vigário acabou em extrema degradação.

Depois de anotar e colecionar algumas plantas das florestas da ilha, o botânico resolveu partir, em 21 de abril de 1820, fazendo a viagem, por via marítima, em grande canoa, até a Armação de Itapocóia (quer dizer, em língua guaraní - muro de pedra; pedra que se rvança para o mar; lage que emerge ou rochedo que sobressae, de acôrdo com a opinião de diversos estudiosos.

A citada «Armação» era um dos entrepostos de pesca de baleias do nosso Estado, pois em 1777, ano em que foi construída a armação, pescaram 300 baleias, mas, em 1819, entrou em plena decadência, em virtude da carência de cetáceos nas costas catarinenses. Uma parte das construções da Armação ficava situada à beira mar. A casa do administrador, chamada Casa Grande, a capela (ainda hoje existe), a residência do capelão e o alojamento dos empregados foram edificadas em terreno mais elevado e revestido de grama junto de um morro. A primeira das construções, acima aludida, que ficava à beira mar destinava-se ao alojamento dos homens empregados na pesca. Nas ocasiões propícias, êles ali se instalavam com suas mulheres, encontrando um agradável refrigerante nas laranjas que existiam em abundância nos arredores do estabelecimento. Êsse edificio, depois de muitos anos, o meu avô materno (Xandóca) arrendou em 1905 e, depois, reformou-o totalmente, para servir de residência de veraneio à sua família, confor-

já contei na minha crônica «Praia da Armação» (Tomo XI, pags. 152/3).

Eu ainda me lembro perfeitamente que, a poucos passos da nossa casa de veraneio, no lugar onde está atualmente instalado o hotel, salão e bar, existiam muitas fornalhas arruinadas e enegrecidas. Era o lugar do engenho de frigir e onde se fabricava o azeite extraído da gordura dos cetáceos.

Do engenho de cozimento até á capela, que ficava no pequeno morro, achavam-se os armazens e os alojamentos dos negros (escravos) e que, no meu tempo de meninice, já estavam completamente arruinadas e quase desaparecidos, deixando apenas, como lembrança, as carcaças destroçadas das baleias, espalhadas nas areias altas. A maior parte dos ossos, deixados nas praias baixas, foram absorvidos pelas ondas do mar.

Naturalmente o ilustre francês, no seu livro, elogiou entusiasticamente a maravilhosa floresta que ficava na orla da praia, com alguns penêdos, banhados no remanso do esverdeado mar.

Atualmente existe, em cima de um aglomerado de rochedos, defronte ao atual Hotel, um "Restaurante Típico" muito original por ter sido construído, todo ele, com grossos bambús envernizados e que se tornou o ponto favorito dos veranistas granfinos. Na minha época de infância, os citados rochedos estavam cobertos de floresta rasteira e havia uma taberna, onde vendia-se muita cachaça para os pescadores ou lavradores praieiros, paupérrimos e subnutridos.

Voltando ao assunto interrompido, o cientista Saint-Hilaire embarcou, em canôa, cedida pela Companhia de Pesca, até ao Destêrro (Florianoópolis), sempre anotando tudo o que via. Não pernitoou na vila de Itajahy (Itajai), mas anotou nos seus cadernos que, o povoado possuía menos de mil habitantes e relatou também que Matheus de Arzão, um dos primeiros moradores, havia descoberto e explorado muitas palhetas de ouro.

A palavra "Itajahy" vem do guaraní: -Ita-jahy, rio onde há muitas pedras. De fato, no fundo do rio Itajai existem montanhas de pedras redondas, roliças de muitos matizes e que atualmente são grandemente aproveitadas para as construções de concreto. Sei perfeitamente que, diversos intelectuais, opinam de outro modo, mas eu não desejo envolver-me neste assunto, pois acato a opinião de cada um. Trata-se de uma questão já bastante discutida e enfadonha.

Termina aqui a minha seleção, extraída de uma parte da magnífica obra de um naturalista famoso.

Atenção: - Brusque, Blumenau e outras cidades florescentes do rico Vale do Itajai, ainda eram inexistentes e, somente no ano de 1841, começaram as primeiras colonizações estrangeiras nas zonas de Ilhota e depois Gaspar.

Distribuidora Catarinense De Tecidos S/A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs.: «DISTRIBUIDORA»

Fones: 22-0825 e 22-0827

BLUMENAU - S. C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas Sómente Por Atacado



CELESC

Centrais Elétricas de Santa Catarina S. A.

SETOR BLUMENAU - Cx. Postal, 27 - Al. Duque de Caxias, 63 - End. Tel: «SETORCELESC»
SANTA CATARINA